

O volume é composto por capítulos complementares, cujas temáticas específicas iluminam aspectos cruciais na análise da construção do pesquisador, tais como impasses de aprendizagem, relação professor-aluno, cultura acadêmica, metodologia de pesquisa etc. Útil para professores e pesquisadores, é fruto de um projeto de pesquisa voltado para uma tripla incidência: o objeto de pesquisa que se constitui no recorte investigativo; o pesquisador que se constitui enquanto tal ao assumir a ação de pesquisar; e o texto, fruto dessa decisão.



Mirian
Leny Magalhães Mrech

LENY MAGALHÃES MRECH
Organizadora

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR

A CONSTRUÇÃO DO
PESQUISADOR



A CONSTRUÇÃO DO
PESQUISADOR



A CONSTRUÇÃO DO
PESQUISADOR

Leny Magalhães Mrech
(Organizadora)

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2019

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Emari Andrade

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C755

A construção do pesquisador / Leny Magalhães Mrech (organizadora) –
Curitiba : CRV, 2019.
214 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-444-3108-5
DOI 10.24824/978854443108.5

1. Educação 2. Linguagem 3. Psicologia 4. Pesquisa I. Mrech, Leny
Magalhães. org. II. Título III. Série.

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático
1. Educação 370

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM
FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2019

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Frederico Domínguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Élsio José Corá (UFFS)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Altair Alberto Fávero (UPF)
Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ)
Anna Augusta Sampaio de Oliveira (UNESP)
Andréia N. Militão (UEMS)
Diosnel Centurion (Univ Americ. de Asunción – Py)
Cesar Gerónimo Tello (Universidad Nacional
de Três de Febrero – Argentina)
Eliane Rose Maio (UEM)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fauston Negreiros (UFPI)
Francisco Ari de Andrade (UFC)
Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Ilma Passos A. Veiga (UNICEUB)
Inês Bragança (UERJ)
José de Ribamar Sousa Pereira (UCB)
Jussara Fraga Portugal
Kilwany Kya Kapitango-a-Samba (Unemat)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira (UNIVASF)
Marcos Vinicius Francisco (UNOESTE)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Eurácia Barreto de Andrade (UFRB)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mohammed Elhaggi (UFRJ)
Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)
Najela Tavares Ujii (UTFPR)
Nilson José Machado (USP)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Sílvia Regina Canan (URI)
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Suzana dos Santos Gomes (UFMG)
Vânia Alves Martins Chaigar (FURG)
Vera Lucia Gaspar (UDESC)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR:

apresentação de uma temática de pesquisa.....9
Leny Magalhães Mrech

PREFÁCIO

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR.....13
Marilene Proença

A LINGUÍSTICA, A PSICOLOGIA E A PEDAGOGIA:

por uma educação de qualidade17
Guillermo Arias Beatón

A ABORDAGEM CIENTÍFICA DA PRÁTICA EDUCATIVA:

dilemas e possibilidades.....35
Antônio Joaquim Severino

A DIMENSÃO EXISTENCIAL NA CONSTRUÇÃO DO

PROBLEMA NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS49
Constantin Xypas

Rosiane Xypas

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR EM

PORTUGUÊS BRASILEIRO.....65
Emerson de Pietri

A PESQUISA EM PSICANÁLISE: a construção ou

constituição do sujeito pesquisador?.....81
Leny Magalhães Mrech

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR E A PRODUÇÃO

DO DADO RELEVANTE: referências temporais em

diários de campo95
Claudia Riolfi

A FORMAÇÃO ARTESANAL NA CONSTITUIÇÃO DO

PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO109
Emari Andrade

A METODOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE PESQUISA: uma análise de produções interdisciplinares	127
<i>Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro</i>	
O PESQUISADOR E A EDUCAÇÃO ESCOLAR NO COMPONENTE ARTE	143
<i>Rosa Iavelberg</i>	
A APREENSÃO DO OBJETO "ARTE" – AS FORMAS INTERDISCIPLINARES NA PESQUISA	161
<i>Carmen S. G. Aranha</i>	
<i>Alecsandra Matias de Oliveira</i>	
ENTRE O OBJETO DE PESQUISA E A POIESIS DO PESQUISADOR.....	177
<i>Mirian Celeste Martins</i>	
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA LINHA DE PESQUISA E DE SEUS OBJETOS: da formação de leitores à formação de professores	193
<i>Max Butlen</i>	

APRESENTAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR: apresentação de uma temática de pesquisa

O que marca as identidades, enquanto pesquisadores, dos investigadores que, no campo da educação, trabalham com temáticas que tocam as interfaces da linguagem e da psicologia? Como, ao longo de sua formação, esses pesquisadores constroem diferentes procedimentos, de modo a formular perguntas de boa qualidade e colocar-se questões a respeito do que foi feito em suas pesquisas, a ponto de repensar sua trajetória e os resultados alcançados? Por fim, como eles têm feito para partilhar os modos como suas pesquisas abriram novas possibilidades investigativas, reverberaram nos ambientes de trabalho e na vida do pesquisador com a linguagem e com o ato de pesquisar? São essas questões que nortearam os esforços investigativos dos colegas que assinam este volume.

Resultado de um projeto de pesquisa que se volta para uma tripla incidência: o objeto de pesquisa que se constitui no recorte investigativo, o pesquisador que se constitui enquanto tal ao assumir a ação de pesquisar e o texto que é fruto dessa decisão, o volume é composto por capítulos complementares, cujas temáticas específicas iluminam aspectos cruciais na análise da construção do pesquisador: impasses de aprendizagem, relação professor-aluno, cultura acadêmica, metodologia de pesquisa etc.

Preocupado com o que ocorre com meninos e meninas que sofrem por não aprender a ler e a escrever, Guillermo Arias Beatón interroga-se a respeito de como o trabalho docente deve ser organizado, preparado e dirigido para assegurar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Tendo produzido um texto essencial para todos que tomam o sujeito humano como objeto de conhecimento, Antônio Joaquim Severino discute as dificuldades concernidas por quem torna o conhecimento da prática educativa alvo de sua investigação.

Constantin e Rosiane Xypas dispuseram-se a discutir a incidência do trabalho do orientador no sucesso da problematização da pesquisa por parte do orientando. A inquietação dos autores é consonante com o esforço realizado por Êmerson de Pietri, que, a partir dos estudos do letramento acadêmico, se propôs a colaborar no entendimento de como a cultura acadêmica funciona ao formar os sujeitos para a participação na cultura letrada própria às instituições de ensino superior, mais especificamente, observando como se dá a formação do pesquisador na universidade.

No capítulo redigido por nós, continuamos essa linha de investigação, examinando, à luz da psicanálise lacaniana, como ocorre o processo de orientação de pesquisa. Também dialogando diretamente com a questão de pesquisa que originou o volume, o capítulo se interrogou a respeito da melhor denominação para a formação do pesquisador, construção ou constituição, tendo concluído que tanto orientando quanto orientador, como sujeitos humanos inacabados, se constituem na pesquisa.

Dando continuidade a essa linha de estudo, Claudia Riolfi interroga-se a respeito de como auxiliar aquele que se forma a, ao escrever, fundar um lugar enunciativo desde onde discursivizar a pesquisa realizada. Nesse capítulo, a autora defende que como, no campo da educação, os dados da pesquisa costumam ganhar existência ao serem escritos, a preocupação com formação do pesquisador é indissociável da atenção a ser dada à escrita. Emari Andrade, apoiando-se nessas discussões para investigar a formação do pesquisador em nível de mestrado, diferencia a formação em série daquilo que ela nomeia como formação artesanal. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro, por sua vez, por meio da análise de fragmentos retirados de

textos de pós-graduandos que, em suas pesquisas, buscaram coadunar diferentes campos de conhecimento, abordou as dificuldades encontradas por um pesquisador para selecionar um método e elaborar um enunciado de um objeto de pesquisa.

A inquirição a respeito dos impasses concernidos na elaboração de um objeto de pesquisa, dessa vez, mais especificamente no espaço da arte na educação, prossegue no capítulo redigido por Rosa Iavelberg, cujo locus da pesquisa é a Educação Básica. A preocupação a respeito da pesquisa no campo da arte encontra continuidade no texto de Carmen S. G. Aranha e Alecsandra Matias de Oliveira, que discute os procedimentos e métodos mais adequados para a apreensão do "objeto arte". Encontra, ainda, um afunilamento temático no capítulo de autoria de Mirian Celeste Martins que, partindo do pressuposto de que o objeto da investigação é interpelado pela singularidade de cada pesquisador, debateu como imagens podem ser consideradas no universo das pesquisas qualitativas.

Max Butlen, por fim, conclui o volume defendendo que a experiência do cotidiano das escolas, em especial aquelas localizadas em regiões com públicos desfavorecidos econômica, social e culturalmente, onde os desafios são maiores, é o que dá legitimidade e pertinência ao discurso do pesquisador em educação.

Boa leitura!

Leny Magalhães Mrech

PREFÁCIO

A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR

É com grande satisfação que apresento o Prefácio à coletânea intitulada “A Construção do Pesquisador”, organizada pela querida professora e companheira de muitas lutas pela qualidade social da Educação Brasileira, Profa. Dra. Leny Magalhães, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, compartilhada com pesquisadores e formadores renomados e comprometidos com a Educação, com a Universidade pública, laica, para todos e todas. Profa. Leny é uma militante incansável da área da Educação, atuando no âmbito da formação docente e de pesquisadores bem como na defesa da inclusão social.

Esta coletânea, por ela organizada, torna-se necessária e oportuna. Necessária, pois estamos – na condição de pesquisadores e de formadores de pesquisadores, na área de Ciências Humanas e Sociais –, a conviver cotidianamente com os dilemas da Ciência e de seus diversos paradigmas, imersos em questionamentos epistemológicos e metodológicos, participando de profundas discussões filosóficas que embasam a compreensão do sujeito humano e, como não poderia deixar de ser, marcados pela dimensão educativa constituída pelos processos de aprendizagem e de desenvolvimento.

Oportuna, pois o avanço dos interesses do capital, a sedução produzida pelas novas tecnologias, o pragmatismo na resolução de grandes e complexos desafios sociais questionam a necessidade das Ciências Humanas e Sociais, a ponto de, em algumas Universidades, esta área de conhecimento ser extinta por não produzir os efeitos necessários para uma nova ordem social de produção. Portanto, reafirmar o lugar institucional e

humano da produção de conhecimento no campo da Educação e formar pesquisadores para esta difícil tarefa torna-se cada vez mais fundamental. É preciso reiterar nesta formação, e esta coletânea se propõe a realizar esta tarefa, os princípios da humanização, da cultura, das dimensões éticas, estéticas, históricas e políticas, da importância dos valores e dos direitos humanos e sociais e da vida em sociedade com base nesses princípios.

A construção do pesquisador, nos tempos em que vivemos, alerta-nos para não nos afastarmos jamais, sob pena de sucumbirmos, da dimensão ético-política dessa tarefa social tão necessária para o desenvolvimento humano. É o pesquisador que poderá, por meio de referenciais teórico-metodológicos constituídos historicamente pelo conhecimento humano, exercer o papel daquele que poderá contribuir para conhecer a realidade social e humana, explicitar sofrimentos, impasses e dilemas, de maneira a desvelar aspectos que estão para além dos fatos, visando encontrar *fios das meadas* de fenômenos educacionais, sociais e humanos, demonstrando possibilidades de novas compreensões e explicações, até o momento invisíveis para os que estão a sua volta. Como nos diz tão sabiamente José Saramago, na epígrafe de seu livro “Ensaio sobre a Cegueira”, “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. E esse é o trabalho do pesquisador. Esse olhar informado, rigoroso, profundo, ético, para além das aparências...

E para quê compreender a realidade, desvelar os fenômenos, encontrar os sentidos e os significados das ações humanas, sociais e educacionais? A clareza das finalidades das ações do pesquisador é fundamental no trabalho de investigação. Ao definir o objeto de estudo, os motivos e os objetivos de sua ação no processo de pesquisa, o pesquisador realiza um ato político, delimitando aspectos da complexa dimensão do humano e apresentando elementos que precisam ser compreendidos histórica e socialmente para que as condições de vida, de ensino, de trabalho, de aprendizagem, de desenvolvimento

possam acontecer de maneira mais justa, mais humana, mais digna, sob uma perspectiva crítica.

A construção do pesquisador exige que ele se proponha a transformar o mundo que o constitui e que ele propõe constituir, em um movimento que desvela preconceitos, estereótipos, limitações pessoais, teóricas e metodológicas bem como possibilita pensar e repensar os fenômenos e a si mesmo. Nessa construção, o pesquisador se constrói e reconstrói de maneira a mergulhar nos desafios do campo de pesquisa e nos vínculos estabelecidos nesse campo. Depara-se com a necessidade de apresentar proposições que venham responder à construção do conhecimento e às indagações daqueles que participam da pesquisa, de forma a possibilitar mudanças para a melhoria da educação e da ciência.

Esta coletânea, ao abordar a temática da construção do pesquisador, possibilita um mergulho nas profundezas da formação e apresenta importantes desafios para aqueles que se propõem a optar por esta necessária e difícil tarefa de compreender a realidade humana, social e educacional.

Boa leitura...

Marilene Proença

São Paulo, 20 de janeiro de 2019

FAZENDA, Ivani. A. *Interdisciplinaridade, história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 2005.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GOMBRICH, E. H. *A História da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

KLEE, Paul. *Sobre a arte moderna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

_____. *The structure of Behavior*. Boston: Beacon Press, 1967.

OLIVEIRA, Alessandra M. *A poética da memória: Maria Bonomi e Epopeia Paulista*. Tese (Doutorado) – São Paulo: ECA USP, 2008.

PIRES, Francisco Murari. Tucídides: a retórica do método, a figura de autoridade e os desvios da memória. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 59).

ENTRE O OBJETO DE PESQUISA E A POIESIS DO PESQUISADOR

Mirian Celeste Martins⁴⁶

Um quadro negro recoberto com camadas quase apagadas, mas ainda sempre presentes. Um registro do passado visível nas marcas vislumbradas deixadas por um velho apagador e no pó de giz que se aglomera no chão. Um palimpsesto de camadas e camadas que nunca se fixam. Esta é a obra de Cinthia Marcelle⁴⁷ – *Sobre este mesmo mundo* (2009-2010), exposta na 29ª Bienal de São Paulo.

Como um palimpsesto, somos todos nós pesquisadores e formadores de pesquisadores, tantos nos cursos de pós-graduação onde atuamos ou nas bancas nas quais participamos. Trazemos em nós modos de fazer pesquisa em camadas superpostas que ora se apoiam em matrizes convencionais, ora se embrenham por modos mais experimentais. Esta obra pode ser uma boa metáfora destas camadas. Processos vividos, vestígios da educação que continuam a nos inquietar a cada nova orientação, a cada nova pesquisa, a cada objeto investigado.

Ainda não estão superadas algumas das prerrogativas de uma pesquisa acadêmica como a escrita em terceira pessoa, como se ela fosse prova do necessário distanciamento para análises. Em relação às imagens, ainda se vê também o seu posicionamento como anexo em Trabalhos de Conclusão de Curso ou em relatórios de estágio. Mesmo em dissertações

46 Com mestrado na ECA/USP e doutorado na FE/USP, hoje é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Arte e no Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

47 Obra disponível em: <<http://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2012/01/Cynthia-Marcelle-quadro-giz-bienal.jpg>>. Acesso em: 10 ago 2017.

e teses a imagem aparece, ainda com certa frequência, como ilustração do texto.

Ana Spirn (2017, p. 126), a partir de um estudo publicado em revista especializada em Medicina, narra que no curso “A formação do olho: melhorar a arte do diagnóstico físico”, oferecido na Escola de Medicina de Harvard, os estudantes estudam pinturas e esculturas no Museu de Belas Artes de Boston. O estudo de obras-mestras, sem importar sua complexidade, exercitam o olhar crítico. “Os estudantes de medicina aprendem a discernir padrões de forma e cor assim como a maneira de transferir esta habilidade para observar e descrever os padrões observáveis na compleição, na postura e no andar dos pacientes”.

Se para diagnosticar um paciente é preciso aprender a ver, e os exames por imagens mostram ainda mais esta necessidade, como as produções artísticas podem nos ajudar a ver melhor e com maior profundidade o objeto de pesquisa?

O rigor acadêmico impõe aprofundar estas discussões, como já afirmei antes (MARTINS, 2013) e mergulhar na questão do objeto da pesquisa, as imagens e a *poiesis* do pesquisador. Este é o convite deste texto.

Imagens movendo o pensar

Se a imagem é ilustração ou como anexo para ampliar o texto escrito, poderíamos inferir que a imagem é posterior ao texto, como seu reflexo tornado imagem, reafirmando o que as palavras já afirmaram.

O que acontece quando, ao contrário, são as imagens que movem as palavras e o pensar?

Talvez o impacto primeiro com textos produzidos apenas por imagens tenha nos chegado por Berger (1974) e seu livro: *Modos de Ver*. Os sete ensaios que o compõe podem ser lidos em qualquer ordem. Dentre eles, três apenas com imagens em branco e preto dispostas isoladamente ou em grupos,

com superposição ou não, em tamanhos variados e todas sem legendas ou números para “não distrair o leitor”, sendo os créditos das obras listadas ao final do livro. Afirmo Berger (1974, p. 11): “Estes ensaios puramente visuais (sobre os modos de ver mulheres e sobre os diversos e contraditórios aspectos da tradição da pintura a óleo) estão pensados para suscitar tantas perguntas como os ensaios verbais” (tradução da autora). São apenas as imagens, sem legendas que movem nossa leitura.

Podemos nos perguntar: Foram as imagens que impulsionaram a produção do texto visual? O tema foi ditado por elas?

O *Atlas Minimosyne* de Aby Warburg (1866-1929)⁴⁸ podem ampliar estas questões. Como professor e pesquisador da Antiguidade Clássica e suas ressonâncias no Renascimento, criou uma biblioteca que se tornou um centro intelectual e hoje está em Londres. Seus painéis, produzidos inicialmente para suas aulas na Universidade de Hamburgo, propõem temáticas e expõem ideias que depois seriam escritas segundo Paul Taylor, com quem tive a oportunidade de conversar no Instituto Warburg em Londres recentemente. As imagens que utilizadas com frequência eram compradas por encomenda em agências especiais que na época já se mantinham fornecendo fotografias de obras de arte. Abre-se aqui uma nova brecha de pesquisa que ora me impulsiona na companhia teórica de Samain (2012) e Didi-Huberman (2013) e do próprio Warburg (2015).

Tanto em Berger como em Warburg, a imagem parece mover o pensamento que é tornado visível para o leitor. Não são buscadas como ilustração de uma ideia, mas a alimentam e a ampliam. No presente capítulo, por exemplo, a obra de Cinthia Marcelle veio à tona como uma ideia matriz para o texto que agora se escreve, assim como já tenho em mim a ideia visual que o finalizará.

Imagens são aqui não o objeto, mas o pensamento que investiga o objeto, isto é, que o mostra, descreve, classifica, compara,

48 Leia mais em: <<https://warburg.sas.ac.uk/>>.

interpreta, explica e torna mais compreensível a própria investigação, como dizem Viadel e Róldan (2017, p. 36, tradução nossa):

Quando usamos metodologias de investigação baseadas em imagens, a contribuição mais importante da investigação serão imagens visuais (desenhos, fotografias, vídeos, mapas, etc.) que mostram, descrevem, classificam, comparam, interpretam ou explicam o tema de investigação.

Neste sentido, como selecionar metodologias de investigação? Como as imagens podem ser consideradas no universo das pesquisas qualitativas?

De objetos e metodologias

Na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Isso sim é importante, porque revela a preocupação com o rigor científico do trabalho, ou seja: se foram ou não tomadas as devidas cautelas na escolha dos sujeitos, dos procedimentos de coleta e análise dos dados, na elaboração e validação dos instrumentos, no tratamento dos dados. Revela ainda a ética do pesquisador, que, ao expor seus pontos de vista dá oportunidade ao leitor de julgar suas atitudes e valores (ANDRÉ, 2013, p. 96).

A clareza e explicitação de escolha é sumamente importante como desvelamento da ética e do compromisso do pesquisador. Essa escolha tem de ser buscada na própria delimitação do objeto, mas muitas vezes, as imagens propõem um objeto que poderia ser invisibilizado se o instrumento de pesquisa fosse

outro. Um exemplo interessante pode ser encontrado no artigo: *Visual identities of students: exactitudes and significant details* escrito por Xabier Molinet e Ricardo Marin Viadel (2014).

Considerando as instituições educativas como reprodutoras da ordem e dos valores sociais, os autores tiveram como objetivo principal tornar visível as conexões entre identidade profissional dos estudantes e seus contextos educativos e valores sociais. Um ensaio visual cria comparações interpretativas e metafóricas com estudantes de seis cursos na Universidade de Granada: Belas Artes, Restauro, Educação Física, Engenharia Informática, Economia e Direito. Cada foto-ensaio apresenta o retrato de quatro estudantes, uma sala de aula e um retrato de quatro professores. E na foto-conclusão apresenta cada um dos seis estudantes ao lado de um fragmento de suas salas de aula (Fig. 2). Fica evidente a identidade estudantil que conecta a postura corporal, as roupas que usam e o ambiente de estudo. O objeto de pesquisa gera questões que são investigadas pela própria fotografia que tanto instrumento metodológico como pensamento tornado visível.

Se as fotografias são o que move a pesquisa, a sua seleção e organização criam um pensamento visual que dialoga ou equivale à escrita. Vale aqui destacar o conceito de pensamento visual trazido por Rudolf Arnheim (1985, p. 131, tradução nossa):

O que é necessário reconhecer é que as formas perceptivas e pictóricas não são só a tradução dos produtos do pensamento, mas sim o sangue e a carne do pensamentos mesmo, e que o alcance ininterrupto da interpretação visual abarca desde os mais humildes gestos da comunicação cotidiana aos enunciados da grande arte.

É o objeto que pede os instrumentos mais adequados para a investigação e a produção artística podem ser “o sangue e a carne” do pensamento. Caminhos metodológicos que podem seguir por variados traçados, ampliados pela arte e que tem

sido aprofundados por estudos realizados especialmente na British Columbia University no Canadá, com Rita Irwin e na Universidad de Granada com Ricardo Marin Viadel e Joaquin Roldán, entre outros. No Brasil, há vários pesquisadores e destacamos o Simpósio realizado em 2015 junto à Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) sob a coordenação de Sonia Vasconcellos da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/PR), Marilda Oliveira e Oliveira da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS) e por mim na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP).

A exploração de ideias por meio da arte na conexão estreita entre a prática e a teoria oferecendo espaço para quem produz a pesquisa como artista, pesquisador e professor recebeu o nome de *a/r/tografia*, onde o “a” se refere ao artista, o “r” ao researcher e o “t” ao teacher. Para Irwin (2008, p. 100): “*A/r/tografia* é uma forma de representação que privilegia tanto o texto *como* o a imagem ao se encontrarem em momentos de mestiçagem”. As interconexões são a tônica.

[...] ao tempo que o *a/r/tógrafos* usam formas de coleção e análises de dados próprios das ciências sociais (entrevistas, grupos de discussão, observação, etc.), também empregam modos próprios da indagação artística e educativa. Os *a/r/tógrafos* estão permanentemente envolvidos em ideias, dados e processos artísticos como forma de produzir novas intuições por meio da criação de conhecimento. E mais, a *a/r/tografia* resiste em estabelecer formas específicas de coleta e análise de dados, ou processos e produtos artísticos, e favorece o ser sensível às práticas contemporâneas (IRWIN et al., 2017, p. 137, tradução nossa).

Rita Irwin já esteve no Brasil e é coautora do livro *Pesquisa Educacional baseada em arte: A/r/tografia* (DIAS, IRWIN, 2013). Assim como outros estudiosos das pesquisas baseadas em arte, tem se fundamentado em Eisner e Barone

(2012). Eisner é um importante estudioso de currículo e da arte e seu ensino e em 1993 valorizou a pesquisa guiada por procedimentos estéticos na American Educational Research Association na Universidade de Stanford iniciando cursos com Tom Barone até 2005. O foco não era substituir métodos tradicionais, mas oferecer “qualidades expressivas da forma para comunicar significados” (EISNER; BARONE, 2012, s/p, tradução nossa).

Para Viadel e Genet (2017), o conceito de metodologias pode ser comparado em certos aspectos ao conceito de estilo em artes visuais, como formas peculiares e características comuns que distinguem “famílias” reconhecíveis em um grupo. Assim, a *a/r/tografia* tem sido compreendida de modo aberto, incluindo nela as “metodologias artísticas de pesquisa”, assim nominadas por Roldán e Viadel (2012) e consideradas por eles como *a/r/tografia* visual no livro de 2017 (p. 43).

Percebe-se que as fronteiras que nomeiam estas metodologias/estilos se apresentam no Brasil de modo mais elástico, como se pode observar em mais de 30 trabalhos inscritos no Simpósio *Pesquisa em educação e metodologias artísticas: entre fronteiras, conexões e compartilhamentos* que integrou o Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas em 2014, já apresentado no início deste texto. Talvez não haja necessidade de filiações estreitas a denominações, mas percebo a necessidade de que a imagem ganhe cuidados na sua fundamentação e uso.

Pessoalmente tenho vistos trabalhos em que as imagens, embora consideradas como textos visuais, não são apresentadas com todos os cuidados, isto é, com legendas apuradas e com os devidos fundamentos explicitados. Estes cuidados poderiam fortalecer a compreensão de sua importância nas avaliações acadêmicas e alargar a compreensão do que é um pensamento que se alimenta da visualidade.

Em relação ao uso de fotografias na pesquisa ou na sua utilização em relatórios ou na divulgação de projetos na escola, podemos observar sua contribuição como um mero instrumento

de documentação – uma imagem visual é um dado ou como um modelo de pensamento visual – uma imagem visual é uma ideia.

Usar a fotografia intrinsecamente é considerá-la uma forma de discurso com notórias qualidades estéticas, que não só presentifica senão que simultaneamente interpreta o representado e que por ele consegue formular perguntas em profundidade, descrever situações, defender posições éticas ou alcançar conclusões razoavelmente justificadas. (ROLDÁN; VIADEL, 2012, p. 22, tradução nossa).

Perceber a relação entre o objeto e as metodologias que tem na arte o seu instrumento e modo de pensar não se restringe a pesquisas relacionadas com poéticas pessoais, comuns em cursos de pós-graduação, entretanto, como a *poiesis* se dá a ver na figura de pesquisadores que têm na educação, na arte e na formação de educadores os seus objetos de pesquisa?

A *poiesis* em três exemplos

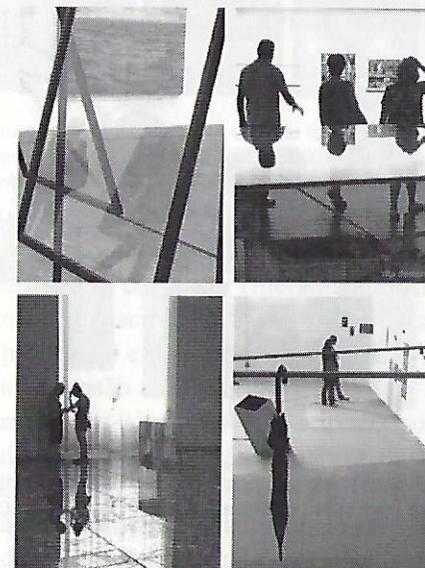
Os três componentes [da a/r/tografia] investigação, educação e criação artística, estão fundamentados nas três categorias aristotélicas: a teoria, a práxis e a *poiesis*. mas, na a/r/tografia estas três dimensões não devem apontar para objetivos diferentes, senão que, ao contrário, devem integrar-se buscando as zonas intermediárias e mestiças entre cada uma das três dimensões” (VIADEL, 2017, p. 41, tradução nossa).

A pesquisa é *poiesis* quando entendida como um ato criador, singular, ousado, sensível, artesanal, onde a forma e conteúdo, o processo e o resultado final estão fortemente entrelaçados. Paraphraseando a definição de arte de Pareyson (1984, p. 32), pode a pesquisa ser compreendida como “um tal fazer que enquanto faz inventa o que e como fazer”? Temos visto pesquisadores que nem sabem das metodologias artísticas, mas a usam como procedimento porque é a sua *poiesis* é que prevalece.

Foto-ensaios foram gerados como modos de pensar, investigar e argumentar, inseridos nas pesquisas acadêmicas de Rita Demarchi (2015), Olga Egas (2017) e Vanessa Marques Galvani (2016) defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São apresentados a seguir pelas imagens e textos das próprias autoras retirados do catálogo da exposição *Encontros flagrados: foto-ensaio em pesquisa*, realizada no Centro Histórico e Cultural Mackenzie, de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017 da qual fui curadora. Neles, o olhar pesquisador se coloca e nos convoca...

Rita Demarchi e o “Ver aquele que vê”

Figura 1 – Rita Demarchi. *Entre Encontros I*, 2016. 64x79



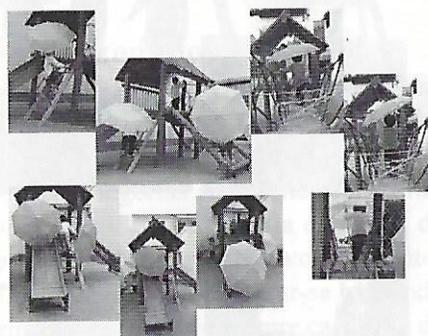
Legenda: Foto-ensaio composto por quatro fotografias digitais da autora realizadas na Bienal de Veneza, Museu Berardo/Lisboa, Centro Georges Pompidou/Paris.

Como “Ver aquele que vê”? Em busca de um caminho próprio de pesquisa, as muitas fotografias clicadas nos espaços expositivos em meio a penumbras

e peregrinações depois passaram por um processo de curadoria e deram vida aos foto-ensaios. [...] O exercício de elaboração de foto-ensaios requisita um olhar aberto para infinitas possibilidades. No caso de minha pesquisa, noto que os foto-ensaios, como imagens potentes possibilitaram profundos diálogos com a parte teórica. E, foram além: desvelaram questões específicas e despertaram reflexões que não seriam possíveis sem essas imagens plenas de conhecimento (DEMARCHI apud MARTINS, 2016, p. 8).

Vanessa Galvani Marques a ação da crianças e as novas lentes para o professor

Figura 2 – Vanessa M. Galvani. *Guarda-chuvas*. 2016. 46 x 36 cm



Legenda: Foto-ensaio composto por oito fotografias digitais da autora realizadas durante docência no ano de 2012.

Como escutar a criança com os olhos? Como olhar para o seu trajeto como professor para se auto-avaliar e se reinventar? Mergulhando em milhares de fotografias retiradas durante três anos de minha docência na Educação Infantil, aprendi a escutar com “os olhos” e a enxergar possibilidades que antes me passavam despercebidas. [...] Ao organizar e

selecionar fotografias em foto-ensaios pude transformar algo rotineiro e ordinário em algo transformador e extraordinário. Evoquei perguntas da minha experiência vivida, aprendi com os erros cometidos e criei consciência e dimensão do que fiz e das inúmeras possibilidades de ações pedagógicas possíveis (GALVANI apud MARTINS, 2016, p. 17).

Olga Egas e a fotografia como potência de invenção na docência e na formação de futuros professores

Figura 3 – Olga Egas. *Sob neblina...* 2014. 30 x113 cm



Legenda: Foto-ensaio composto por dezoito fotografias digitais da autora, realizadas durante uma expedição fotográfica ao ar livre, em uma fria manhã de abril, na aula de arte da graduação em Pedagogia, Juiz de Fora, MG.

Ao escolher a fotografia como estudo do mundo, questiono como ver (literalmente) melhor os problemas educacionais, como olhar (visualmente) esses problemas e como refletir sobre eles. [...] Ao agregar a dimensão artística na pesquisa em Educação iluminamos as situações educacionais sob outros pontos de vista. Na prática, a fotografia ou as “despalavras”, como diria o poeta Manoel de Barros, “dizem mais” quando utilizada poeticamente para “dizer” das coisas da vida, do ensino e da aprendizagem. Minha pesquisa, a partir da Metodologia Artística de Pesquisa baseada na Fotografia, tem possibilitado reflexões pessoais sobre as fronteiras disciplinares, o lugar do professor-artista na formação docente e os entrecruzamentos entre a Arte, as Culturas e a Educação (EGAS apud MARTINS, 2016, p. 12).

Considerações *in process*

Três exemplos. Três exercícios de poéticas que dão a ver o criador frente ao seu projeto, da sensibilidade à ação.

A *poiesis* do pesquisador dá o colorido ao modo de pesquisar em processos em que a criação traça o caminho metodológico. O objeto da investigação é interpelado pela singularidade de cada pesquisador. A sensibilidade conduz à ação, como diz Passeron (1997, p. 108): “Certamente a sensibilidade não está ausente das condutas criadoras, mas não é seu elemento tópico. O artista, por exemplo, não é necessariamente mais sensível do que qualquer outro, mas é daqueles que passa ao ato”. E é neste sentido que o pesquisador também pode ser um artista.

Diz Dewey (2010, p. 216): “Toda linguagem, seja qual for o veículo, envolve o *que é dito* e a *maneira* como é dito, ou a substância e a forma.” Para isso, os procedimentos artísticos, mais do que fundamentações metodológicas, abrem fendas de possibilidades e impossibilidades, já que “se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades e, ao mesmo tempo, cria um possível” (DELEUZE, 1992, p. 167).

A valorização da *poiesis* como expansão dos sujeitos, das paisagens e do conhecimento e sua relação criativa e sensível relação com os objetos de pesquisa e metodologias ainda necessita de debates e amadurecimento. Uma questão se abre: Se “a interpretação é sempre, ao mesmo tempo, revelação da obra e expressão do seu intérprete”, como diz Pareyson (1998, p. 173), como pesquisadores, leitores e produtores também interpretamos poeticamente as pesquisas acadêmicas?

Continuaremos a transitar por um caminho que não nos é totalmente conhecido, em busca de aprofundar, de clarear e de encontrar outros modos de pesquisar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22m, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ARNHEIM, Rudolf. *El pensamiento visual*. Buenos Aires: Eudeba, 1985.
- BERGER, John (Org.). *Modos de ver*. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DEMARCHI, Rita. *Ver aquele que vê: um olhar poético sobre os visitantes em museus e exposições de arte*. 2015. Tese (doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1925>>. Acesso em 10 ago. 2017.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2013.
- DID-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas Segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- EGAS, Olga. *Metodologias Artísticas de Pesquisa em Educação e Deslocamentos na Formação Docente*. 2017. Tese (doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3264>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

EISNER, Elliot W.; BARONE, Tom. *Art Based Educational Research*. Sage Publications. Kindle Edition. 2012.

GALVANI, Vanessa Marques. *Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas*. 2016. Dissertação (mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/user_upload/Vanessa_Marques_Galvani.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

IRWIN, Rita L. *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*. In: Barbosa, Ana Mae e Amaral, Lilian (org). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Senac São Paulo: SESC SP, 2008, p. 87-104.

MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). *Encontros flagrados: foto-ensaio em pesquisa*. Catálogo. São Paulo: Ed. Uva Limão, 2016.

_____. *Imagens, palavras e rigor científico: inquietudes de uma professora/orientadora/pesquisadora*, 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simpósios/07/Mirian%20Celeste%20Martins.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2017.

MOLINET, Xabier; MARÍN-VADEL, Ricardo. Visual identities of students: exactitudes and significant details. In: *International Journal of Education Through Art*, 1 October 2014, v. 10, no. 3, pp. 397-406 (10). Disponível em: <https://doi.org/10.1386/eta.10.3.397_1>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da Estética*. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1984.

PASSERON, René. (1997). *Da estética à poética*. Porto Alegre: RS, Porto Arte, Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744>>. Acesso em: 15 out. 2013.

ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo M. (2012) *Metodologías artísticas de investigación en educación*. Málaga: Aljibe.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas. Ed Unicamp, 2012.

SPIRN, Anne Whiston. The eye is a door. In: VIADEL, R. M. e RÓLDAN, J. *Ideas Visuales. Investigación Baseada en Arte e Investigación Artística*. Ed. Universidade de Granada, 2017, p. 120-133.

VIADEL, R. M.; GENET, R. Estructura metodológica de los informes de investigación: una extrapolación de las normas APA a la investigación artística y la investigación basada e artes. In: RÓLDAN, J. *Ideas Visuales. Investigación Baseada en Arte e Investigación Artística*. Ed. Universidade de Granada, 2017, p. 8-29.

VIADEL, R. M.; RÓLDAN, J. *Ideas Visuales. Investigación Baseada en Arte e Investigación Artística*. Ed. Universidade de Granada, 2017.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasma para gente grande* – Aby Warbur: escritos, esboços, conferencias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

... (text mirrored from reverse side)

SOBRE O LIVRO
 Tiragem: 1000
 Formato: 14 x 21 cm
 Mancha: 10 x 17 cm
 Tipologia: Times New Roman 10,5/12/16/18
 Arial 7,5/8/9
 Papel: Pólen 80 g (miolo)
 Royal Supremo 250 g (capa)

Leny Magalhães Mrech

É psicóloga, socióloga e psicanalista. É livre-docente pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Foi coordenadora da Área de Pós-Graduação de Psicologia da Educação em diferentes períodos, o mais recente de 2013 a 2015. Pertence às áreas de Pós-Graduação de Psicologia e Educação e Educação Especial. É membro efetivo da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise.



A CONSTRUÇÃO DO PESQUISADOR

Este volume é composto por textos assinados por colegas unidos em torno de um mesmo esforço investigativo: compreender o que ocorre quando alguém decide se tornar pesquisador nas ciências humanas, ou, mais especificamente, no campo da educação, linguagem e psicologia.

Responde a questões mais amplas, tais como: O que marca as identidades, enquanto pesquisadores, dos investigadores que, no campo da educação, trabalham com temáticas que tocam as interfaces da linguagem e da psicologia? Como, ao longo de sua formação, esses pesquisadores constroem diferentes procedimentos, de modo a formular perguntas de boa qualidade e colocar-se questões a respeito do que foi feito em suas pesquisas, a ponto de repensar sua trajetória e os resultados alcançados? Por fim, como eles têm feito para partilhar os modos como suas pesquisas abriram novas possibilidades investigativas, reverberaram nos ambientes de trabalho e na vida do pesquisador com a linguagem e com o ato de pesquisar?

